



EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

**Heitor Soares Sanglard**

Universidade Federal de São João del-Rei

Graduando em Psicologia

heitorsanglard@hotmail.com

Ponciá Vicêncio é o primeiro romance da escritora negra e periférica Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em Belo Horizonte, em 1946. Nele a autora, na forma de uma escrevivência<sup>1</sup>, apresenta-nos a história – da infância à idade adulta – de Ponciá Vicêncio e sua família de descendentes de escravos, que vivem no interior do Brasil da agricultura e do artesanato com o barro. De um modo muito particular analisa-se a obra em questão a partir do conceito psicanalítico de transgeracionalidade psíquica.

Desde o início da obra, há um movimento de histórias não-ditas, mal-dições, que aparecem de um modo estranhamente familiar: Ponciá era diferente, desde a infância, principalmente pela semelhança com o avô Vicêncio. Este, quando ainda jovem, teve um episódio de fúria e de grande indignação frente à condição de escravidão, matando a esposa e decapitando um de seus braços, esse membro faltoso que a neta imita, ainda que a história nunca lhe tenha sido narrada e, na data do falecimento do avô, ser ainda uma criança de colo. Somado a isso, em uma de suas brincadeiras com o barro, a pequena modelou um boneco idêntico ao ancestral, o que leva todos a dizerem que ela carregava uma herança do avô.

Em verdade, para a psicanálise, o sujeito para advir necessita de uma rede de significados e significantes que o precedem, que cumprem o papel de ofertar um norte para o novo membro frente ao seu desamparo constitutivo, estruturando-o e fornecendo os substratos psíquicos necessários para se localizar na cultura, no laço familiar e social enquanto um sujeito de desejo (FREUD, 1914/1990). Em um primeiro e importante momento é a família que vai cumprir essa função de transmissão psíquica de conteúdos inconscientes. Dito de outro modo, além da nutrição física, o grupo familiar nutre psiquicamente este novo membro com um

---

<sup>1</sup> Conceição Evaristo, em um depoimento dado para o I Colóquio de Escritoras Mineiras, escreveu que esse conceito traduz um estilo de literatura onde “escrita e viver se (com)fundem” (Evaristo, 2010, p. 17). O termo surgiu a partir de um jogo de palavras entre viver e escrever, que foi feito em sua dissertação de mestrado (Evaristo, 2010).

“banho de linguagem [...] diversos significantes que serão transmitidos pelos pais e pelas pessoas que estarão ao redor da criança” (Santos; Ghazzi, 2012, p. 639), palavras carregadas de um afeto que nos deram os primeiros sentidos. Com efeito, antes que haja um sujeito que se diz, há um sujeito que foi dito e adiantado em um discurso de desejo parental (Lacan, 1988). De fato, como nos ensina a sabedoria popular, o graveto não voa muito longe do pau.

No entanto essa transmissão psíquica opera-se de dois modos. No primeiro caso, ela pode auxiliar a estruturação psíquica, afiançando “as continuidades narcísicas e objetais, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, as formas e os processos de conservação e complexidade da vida: ideais, mecanismos de defesa neuróticos, identificações, pensamentos de certeza” (Kaës, 2005, p.128), chamada de transmissão intergeracional. É aquela que fez Ponciá e a cada um de nós parte e produtor da história dos seus.

No segundo modo, a transmissão transgeracional, é aquela que resulta em empecilhos para o novo membro familiar, no que se refere a tomar o seu lugar de sujeito perante sua herança e desejo, pois os conteúdos herdados teriam um cunho negativo ou desorganizador da vida psíquica, material este que não podem ser “lembrado, que não encontra inscrição na psique dos pais e vem depositar-se ou enquistar-se na psique de uma criança: a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória; para os quais um trabalho de luto não pôde ser realizado” (Kaës, 2005, p.128). Esse tipo de transmissão é aquele no qual ocorre uma passagem de conteúdos psíquico sem um trabalho simbólico por parte do agente da transmissão. Caso assim se manifeste – como um impasse –, ela retornaria no psiquismo de gerações posteriores ou na história de um povo como revivescência traumática (Freud, 2018), podendo levar o sujeito a se tornar um servidor assujeitado de suas heranças psíquicas, caso não faça um trabalho de elaboração possível sobre elas. (Kaës, 2017).

No romance refletido há, da parte dos personagens, uma tentativa de elaboração ininterrupta de suas heranças psíquicas transgeracionais. Nesse sentido depois de perder o pai, Ponciá parte para a cidade grande em busca de uma vida melhor. Ao chegar lá, sem ter para onde ir, ela passa uma noite na porta da igreja, onde consegue emprego de doméstica. Contudo, Evaristo conduz seus leitores a enxergarem que, da narrativa em questão, algo manca. Há um hiato, um vazio, que a jovem protagonista sente profundamente e foi testemunhado pelo seu marido-agressor: “Ela ficou durante uns momentos longe, vazia, com o olhar parado, sussurrando coisas incompreensíveis. “Ele quis tocar nela, perguntar, sacudir, mas teve medo, muito medo de abeirar-se do vazio que era só dela” (Evaristo, 2003, p. 45). Como o vazio de Macabéa, mas que tinha muito mais a dizer de uma ancestralidade (Lispector, 1988).

Também Luandi, seu irmão, decide migrar para a cidade grande. Logo após sua chegada o rapaz arruma um emprego de faxineiro na delegacia, com a ajuda do soldado Nestor, passando dali a viver em prol do sonho de ser polícia. Nas palavras de Fanon “para o negro, há apenas um destino, e ele é branco” (2008, p.28). Foi este um primeiro movimento de encontro de uma identidade possível feita pelo jovem negro. Ele tentou desesperadamente ser branco, vestir a violência que tirou a farda de suas identificações negadas – já que até o sobrenome não lhe era de família –, de suas origens: uma ancestralidade interrompida. Assim como Bilisa, Luandi busca, na prostituição de sua identidade preta violentada, tapar o não-ser que habita seu corpo preto. Para o negro “só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco” (Fanon, 2008, p.60). E quanto a Ponciá, qual trabalho psíquico lhe fora possível?

Frente à saudade da mãe e do irmão, ela faz um caminho de retorno para a antiga vila. Qual a única coisa que ela encontra nos escombros de sua casa? O boneco do avô. É de igual modo que os conteúdos psíquicos tendem a retornar para a consciência: como formações do inconsciente. Dito de outro modo, são fantasmas que teimam em povoar a vida por não encontrarem um lugar adequado de satisfação na economia da libido particular. Eles, quando retornam apontam, para além do fato do fracasso do recalque, que algo precisa ser perseguido pelo sujeito sobre ele mesmo: o estranho familiar (Freud, 1996). Sob essas condições, restou à Ponciá o delírio, a loucura. No entanto, não um delírio qualquer, mas um que carrega as marcas de uma ancestralidade. Tudo isso não sob um olhar ajuizado como negativo, mas como uma saída corajosa e singular frente às possibilidades que lhe foram dadas à mão.

Ela está na linguagem, como todo sujeito psicótico, mas qual linguagem? Aquela que denuncia uma violência, que traz as marcas da saudade do barro, da sua história inominada e repleta de esquecimentos, cumprindo a profecia de Nêngua Kainda, a representante do elo geracional e portadora de um saber sobre muitos, que não deixa esquecer que o mesmo passado é atravessado também pela transmissão de uma história de lutas, resistências e encontros. O trabalho de elaboração das heranças transgeracionais de Ponciá passava, assim, como de todo sujeito, pela autorização do texto da própria vida. Nesse sentido imperava

ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (Evaristo, 2003, p. 131).

É, por fim, neste movimento de retorno às origens, que o romance termina: nas encruzilhadas de uma estação, onde todos se encontram para regressar à vila Vicêncio. Contudo, os personagens não voltam os mesmos pois, agora, há uma vontade de encontrar com o (in)familiar que os constitui, um desejo de alçar da categoria de servidores à de herdeiros e beneficiários de suas heranças psíquicas (Kaës, 2017). De avô Vicêncio à Ponciá, impera um elo psíquico de uma transgeracionalidade que prenuncia a resistência de uma loucura que se alimenta dos fragmentos de uma história interrompida, mas que ousa falar.

### Referências

- EVARISTO, C. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: COLÓQUIO ESCRITORAS MINEIRAS: POESIA, FICÇÃO, MEMÓRIA, 1., Belo Horizonte. **Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010. pp.11-17. Disponível em <https://poslit.letras.ufmg.br/arquivos/agenda/evento.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022
- FANON, F. **Peles negras: máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Imago, v. 12, 1990. p.9-37. (Obra original publicada em 1914).
- FREUD, S. O estranho. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.17. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1919).
- FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. In: FREUD, S. **Obras Completas (1937-1939)**, vol. 19, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.13-188. (Trabalho original publicado em 1939).
- KAËS, R. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade**. Coleção Psicologia Social Inconsciente e Cultura, Casa do Psicólogo, 2005.
- KAËS, R.. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo, Ideias & Letras, 2017.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, vol.11, Zahar, 1988. (Obra original publicada em 1964).
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SANTOS, V. O.; GHAZZI, M. S. A. A transmissão psíquica geracional, **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, 13(3), Brasília, 2012, pp.632-647. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZbdMbmJG6Jb89fDGW8RGkKF/?lang=pt>. Acesso em: 14 fev. 2022.

Recebido em: 9 de fev. de 2023

Aprovado em: 28 de ago. de 2023